

CRIANÇA MITÃ'Í NA PERSPECTIVA DOS KAIOWÁ E GUARANI DA ATUALIDADE NO TEKOKHA TRADICIONAIS EM TE'YIKUE

Elemir Soare Martins¹

Resumo: O trabalho pretende discutir a concepção da comunidade da Te'yikue sobre a criança Kaiowá e Guarani das áreas retomadas tradicionais, na atualidade e, por conseguinte, como a instituição escolar interfere e contribui na forma como as crianças constroem o modo de agir fora do lugar da convivência. O texto descreve também como se constitui a relação com as outras crianças que não é de sua localidade. Assim o objetivo é fazer uma análise e reflexão sobre a construção da concepção sobre a criança das retomadas, a partir disso possibilitar a compreensão da temática indígena para se trabalhar na escola. Para isso foi realizado campo de pesquisa nas retomadas Ñandeva e Te'yi Juçu, visitando as crianças em seus familiares, entre os seus parentes e vizinhanças e também nas escolas, a partir da observação analisando o comportamento, a sua socialização e, a partir disso, delinear saberes indígenas de resistências, além disso, mostrar a socialização da criança em seu mundo e no mundo dos adultos.

Palavra-chave: criança Kaiowá e Guarani, concepção e construção social.

CHILD MITÃ'Í IN THE PERSPECTIVE OF THE KAIOWÁ AND GUARANI OF TODAY IN THE TRADITIONAL TEKOKHA IN TE'YIKUE

Abstract: This paper intends to discuss the conception of the Te'yikue community about the Kaiowá and Guarani children in traditional resettled areas today and, consequently, how the school institution interferes and contributes in the way children construct their way of acting outside their place of coexistence. The text also describes how the relationship is constituted with other children who are not from their locality. Thus, the objective is to analyze and reflect on the construction of the conception about the children of the “retomadas”, and, from there, to enable the understanding of the indigenous theme to be worked on at school. For this, a research field was conducted in the Ñandeva and Te'yi Juçu settlements, visiting the children in their families, among their relatives and neighbors, and also in the schools.

Key-words: Kaiowá and Guarani child, conception and social construction.

¹ *Avá Guarani Ñandeva.* Falante da língua Guarani fluentemente. Graduado pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu* na área de Ciências Humanas, turma 2012, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestre na área de História indígena no PPGH-UFGD. Doutorando em Geografia no PPGG-UFGD. Pesquisador na área de história indígena, antropologia e filosofia. Foi pesquisador do Observatório da Educação Escolar Indígena entre 2013 a 2016 pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

Introdução

A localidade de pesquisa situa-se pela redondeza da reserva indígena Te'yikue, conhecida como *Reserva indígena de Caarapó* do Estado de Mato Grosso do Sul, uma área demarcada pelo SPI, em 1924. Atualmente conta com nove áreas retomadas tradicionais que iniciou em 2013. As duas áreas retomadas que foram selecionadas para a pesquisa, chamam-se pelos próprios indígenas de Te'yi Juçu e Nhandeva do povo guarani e kaiowá. Segundo Cavalcante (2013), os Kaiowá e Guarani se estende na faixa de fronteira do Brasil com o Paraguai, especificamente no Sul do Mato Grosso do Sul, a etnia Guarani é denominado pelos antropólogos de “*Nandeva*”, mas o grupo se auto identifica como Guarani ou Kaiowá, que se denomina em Paraguai de “*Pai Tavyterã*”, que faz parte do grupo linguístico Guarani, não se identifica nesse mesmo grupo (PEREIRA, 2008).

Atualmente os Kaiowá e os Guarani estão em constante processo de transformação no modo de ser e na sua organização social. Enquanto um coletivo que se situa numa reserva e, ao mesmo tempo em que sofre todo dia o preconceito da sociedade ocidental, tenta sempre buscar fortalecer sua identidade, língua, crença, etc., principalmente quebrando os

paradigmas que foram aplicados por Serviço de Proteção ao Indígena – SPI.

Agora, o atual Órgão Indigenista da Fundação Nacional de Índio – FUNAI, tem a finalidade de manter os indígenas “Reservados” das demais sociedades não indígenas, “guardados”, “isolados” ou “aldeados”. Mas, como já foi comprovado em vários estudos, como nas pesquisas de Benites (2009), Cavalcante (2013) e Crespe (2015), os indígenas, na prática, no modo de resistir e ser é relativamente intenso, mesmo sendo crucial a reconstrução ou reconstituição da imagem Kaiowá e Guarani fragmentada pela colonização, esse povo investe no fortalecimento de seus saberes ancestrais.

Na retomada, ensinam-se as crianças a sentirem orgulho por ser indígena e, por conseguinte valorizar sua religiosidade e identidade. As lideranças dessas áreas tradicionais abarcam outro domínio em relação ao conhecimento tradicional. As histórias indígenas relatadas às crianças são parte essencial da pessoa indígena e sua preparação para viver entre parentes e o mundo ocidental, aqui entendido como mundos dos brancos (*karai retã*).

O trabalho de pesquisa foi realizado sobre como se constrói a concepção de criança segundo os Kaiowá e os Guarani das retomadas Nhandeva e Te'yi Juçu, ambas localizam-se perto da reserva

Te'yikue – Caarapó/MS e como a instituição escolar interfere e contribui na forma como as crianças constroem o modo de agir nessas áreas tradicionais, assim transferindo para sociedade indígena e não indígena a perspectiva dos Kaiowá e Guarani das retomadas.

Diante do desafio de relação das crianças com a sua cultura, e na socialização com o espaço em que se encontram, a escola precisa propiciar, como por exemplo, o pátio de avivamento de cultura, a sala de aula organizada como sala de alunos indígenas, as matérias de ensino-aprendizagem atendam os anseios de comunidade etc. Do mesmo modo, criando novas possibilidades de relação com as outras crianças que não é de sua localidade tampouco de sua realidade, ou de outras comunidades.

O estudo que elege crianças como objeto de pesquisa, envolve uma série de dificuldades em torno da ética. A criança é entendida, segundo Kramer (2007), como “aquele que não fala” (infans), como um ser inacabado, o seu reconhecimento como um sujeito histórico e agente das relações sociais implica em colocá-lo como objeto no campo de estudo, em especial no campo das Ciências Humanas, com cuidado e atenção, libertando-se da concepção marginalizada da infância. (KRAMER, 2002).

O livro de Philips Aries “História Social da Criança e Família” ajuda para se compreender contexto histórico do espaço e tempo da criança. Conforme a minha interpretação, a visão da sociedade ocidental sobre a criança, de modo geral, é bem diferente, como por exemplo, na Idade Média a criança, não tinha infância, pois para a sociedade medieval a diferença da criança em relação ao adulto estava na força e no tamanho (ARIES, 1978).

Com essa visão medieval, a criança socializava-se pouco com a família e a convivência com os adultos era maior. No fim do período da Idade Média, desde o século XIV, a criança passa a representar a alma, na medida em que o “sentimento da infância” começa a perpassar na mente das pessoas, onde permanecia a cristandade na sociedade. Enfim o momento em que a escola passa a se encarregar na educação, onde começa a se reconstruir a moralização da sociedade, “promovido pelos reformadores ligado à Igreja, às leis e o Estado”. Citado pelo Aries (1978, p. 8), para Besanço “criança é uma pessoa, um processo, uma história que os psicólogos tentam reconstituir”, ou seja, a criança é de certa forma, um sujeito que tende a estar numa continua construção e formação de projeto social dentro de certo grupo.

Kramer e Horta (1982) problematizam a autoridade que o adulto exerce sobre a criança; uma autoridade que

é entendida enquanto natural, mas que, na verdade, seria uma autoridade construída socialmente. Assim, o adulto entende que sua autoridade sobre a criança é necessária por uma dependência natural por parte da criança, de modo que ao exercer essa autoridade sobre ela, ele estaria sendo um substituto da autoridade que a criança deveria exercer sobre si mesma. Por isso, essa autoridade poderia ser compreendida como uma “libertação” para a criança.

A ideia de infância, segundo o Aries, também tem seu processo histórico, pois antes, ou no período da Idade Média, estava diretamente na dependência, onde o homem de baixa condição estava submetido a serviço do senhor feudal (Aries, 1981).

A concepção da criança em seu processo, consolidada por Aries (1978), construído a partir de aspecto social, cultural e político lançando crítica a visão miniaturista da infância e da dissimulação da socialização da infância mascarando a significação da mesma. De um lado de forma singular e do outro a totalidade da ideia de infância. Só se questionaria pelo Bejamim (2002) com micro dimensão sem contradizer a totalidade das concepções construídas sobre a infância. Além disso, vários campos teóricos foram de grande importância para a compreensão da infância constituída como categoria social, de modo que se considere como sujeito ativo e criativo, em seu contexto social, a

diversidade, a partir de especificidade do olhar, para abolir a desigualdade e ao mesmo tempo eliminar a diferença, colocando em equilíbrio o singular e o plural, dando possibilidade de conceber a outra infância e ouvi-la.

Nessa introdução, faz-se um breve esboço do livro de Philippe Aries (1978) “História Social da Criança e da Família”, pode ser que para frisar o processo histórico de olhar e das concepções sobre a criança pela sociedade do Velho Mundo, desde a Idade Média até à Modernidade, contudo segundo a própria Chon (2003),

(...) é diversa para cada sociedade indígena. Por isso não podemos confundir suas concepções de infância com as nossas. Nem umas com as outras. Por isso, a cada vez que nos dedicarmos a estudar com e sobre as crianças indígenas, temos que nos debruçar primeiro sobre como as crianças, e a infância, são pensadas nestes lugares (...) (CHON, 2003, p. 227).

Diante dessas considerações, o trabalho busca analisar como os Guarani-kaiowá da Reserva indígena Te'yikue tem observado a criança de duas retomadas, e como está sendo a resistência dessas na medida em que a Instituição escolar passa a atuar e interferir no espaço de saberes tradicionais, na dinâmica social, como venho analisado isso vai se tornando cada vez mais frequente, sendo que a cada geração ela vai construindo costumes e vai

moldando sua imagem dentro da sua Comunidade.

Crianças indígenas Guarani e Kaiowá nos estudos acadêmicos

A antropologia clássica deu uma grande iniciativa no estudo sobre a criança, principalmente com a escola de Cultura e Personalidade e os estudos sobre a socialização, destaca-se o trabalho de Mead (1928, 1942 e 1951), Kluckhohn (1947) e Benedict (1934). A contribuição dessa escola para visibilidade da criança nos estudos e nas pesquisas propicia métodos de pesquisa e estudos de observação, com rica coleta de dados para análise. Entretanto o paradigma construído pela escola segue a corrente que considera o indivíduo [criança] como um mero receptáculo de papéis e funções na sociedade. Aliás a escola procura compreender a criança a partir da cultura, pois ela que a conforma (Buss-Simão 2012).

Uma nova perspectiva abre-se, principalmente quando o conceito de cultura passa a ser entendida não mais como os valores que ou as crenças que padroniza o social, mas sim que as conformam pelos atores sociais, que são os indivíduos, passando a criar e recriar as crenças e valores (COHN, 2005; WALKERDINE, 1995; TOREN, 1993 e HIRSCHFELD, 2003 *apud*. BUSS-SIMÃO, 2012).

Consequentemente passa-se a perceber que as crianças não imitam o mundo dos adultos, passa-se a perceber que há um universo que elas mesmas o criam, assim o mundo delas passa a ser considerado diferente do mundo dos adultos. Segundo Delalande (2003) a criança sabe e domina o mundo dos adultos, mas também sabe que o mundo dela é diferente do mundo dos adultos, por isso cria regras para seu próprio mundo, o que Delalande (2003) chama de saber infantil.

Nesse sentido, a etnografia se faz muito importante, pois permite que a criança seja agente no processo, possibilitando que sua voz seja escutada. Cohn (2005) destaca a antropologia da criança como uma disciplina que olha para a essa categorial geracional e busca compreender a infância a partir do ponto de vista das crianças. Ferreira e Nunes (2014) salientam que já faz um tempo que se estuda as crianças na etnografia, mas que, até a década de 90, esses estudos ainda não viam a criança como um agente que pode ajudar a compreender melhor a sociedade. São estudos importantes e que disponibilizaram uma grande quantidade de fontes, mas que não conseguiram estudar no seu tempo as crianças enquanto agentes. Deste modo, pesquisas etnográficas que compreendam a importância de que a criança seja realmente ouvida são recentes, se impondo sobre essas áreas muitas dificuldades.

Como ressaltado anteriormente, a criança não é um agente passivo na organização das relações sociais, pois elas atuam ativamente. Para os Xicrin, povo estudado por Cohn (2005), todos os irmãos de seu pai são chamados de “pai”, bem como as irmãs de sua mãe são chamadas de “mãe”. Apesar de não confundirem os papéis e entenderem quem foi que os concebeu, as crianças Xicrin possuem uma relação próxima com seus outros “pais” e “mães”, mas essa relação não será, necessariamente, próxima durante a vida toda. Vai depender da forma como esses dois agentes (criança e irmão do pai/irmã da mãe) se relacionam. Deste modo, vemos um exemplo de como a criança influencia as relações sociais, pois depende dela também que esse laço permaneça forte.

Desta forma, a antropologia da criança entende as crianças não são apenas enquanto receptoras de cultura, mas também enquanto produtoras. Não possuem menos capacidades que os adultos, mas o fazem de maneira diferente, dizendo as mesmas coisas de modo diferente. No entanto, de acordo com Cohn (2005), é preciso cuidado para não fazer essa diferenciação entre crianças e adultos tornar incompatível a conexão entre eles. As culturas são produzidas por ambos, se

completando, mesmo que cada grupo guarde suas especificidades.

Criança “mitã’ĩ”²: reconstituição da sociedade Kaiowá e Guarani

Desde a chegada dos europeus a América, entre 1492 e 1500, “a educação” para indígena, ficou sob responsabilidade de Jesuítas, o objetivo inicial era de converter os povos ao cristianismo, por outro lado não havia a intenção de implantar o modelo europeu na sociedade indígenas. Portugal, o Estado e a Religião imperavam de mãos dadas juntamente para cristianizar suas colônias na América, África e na Ásia. A maneira como os Jesuítas se relacionavam com os indígenas era dominar a língua deles e, assim concretizar a catequização e colocá-los suas práticas religiosas tradicionais no esquecimento. Mais para frente depois da expulsão de Jesuítas a pessoa indígena era considerada “incapaz”, “irresponsável” e “sem religião”, a missão dos indigenistas, os Órgãos Indigenistas SPI/FUNAI, era catequizar e civilizar os indígenas para integrar a sociedade nacional como modelo europeu, além disso, estava a tutela do próprio Órgão Indigenista. Somente a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988 a

² Assim que os Guarani e os Kaiowá chamam as crianças indígenas na atualidade.

pessoa indígena é “aceita” pela sociedade não indígena como igual a todos (ser humano), coloco entre aspa pois os indígenas até hoje, enfrentam o preconceito muito grande da sociedade *karai*. Com muita luta de movimento e articulação indígena, conquistou autonomia para organizar a comunidade arruinada pela colonização, a saber a escola indígena específica foi uma das ferramentas de resistências muito importante, já que teria que ser diferenciada, comunitária, bilíngue, intercultural e de qualidade (Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas – RCNEI). Teoricamente ficou perfeito, porém ao chegar na base, como por exemplo, nas secretarias de educação municipal e do estado, os professores enfrentaram e enfrentam ainda muitos desafios, sobretudo na questão do investimento na formação de professores indígenas, na elaboração de matérias didáticas diferenciadas etc. Contudo na prática há ainda preconceito e discriminação herdada da visão colonialista.

A atual sociedade indígena se constituiu a partir desse processo de colonização intensa dos colonizadores europeus, moldando o ambiente de vida dessa sociedade, afetando de alguma forma o pensamento e a visão dos indígenas sobre o mundo, assim também a concepção deles sobre as crianças.

Em específico, a concepção dos Kaiowá e Guarani das *retomadas* Te’yi Juçu e Nhandeva, ambas de Caarapó/MS – sobre as crianças, não diferente das demais, a sociedade vem se constituindo, da desumanização, do genocídio coletivo e remoção de seu *tekoha* para as reservas. Pode se perceber a concepção deles sobre a criança, a partir da análise da sociedade, já que no momento atual na reserva Te’yikue se constitui por diversas etnias como os Kaiowás, os Nhandevas e os Nhandeva/Kaiowás, e que cada sociedade tem percepção a respeito da criança, do modo como tratam, veem, educam e cuidam. Assim a concepção dos Kaiowá e Guarani sobre a criança se reconstruiu de interação e relação com diversas concepções de etnias e as relações variadas com os espaços em que vivem.

Podemos conceber a criança a partir da corporalidade, pois todas as pesquisas e estudos revelam que há relação entre a corporalidade e educação das crianças, logo educação envolve formar o indivíduo ou a constituição do indivíduo e somente podemos compreender se analisarmos profundamente a relação entre a corporalidade na formação da criança no meio social. Assim para a sociedade indígena a produção do corpo é essencial para a formação do indivíduo na sociedade, por isso o cuidado e a preocupação com o corpo para que possa estar saudável (BUSS-

SIMÃO, 2012), como também envolve o moldara do corpo com a confecção dos colares, adorno, pintura corporal e a manutenção do corpo físico para a realização de danças nos rituais.

A Clarice Cohn propõe duas questões para se entender a concepção sobre a criança, no caso os indígenas, “o que é ser criança nestes lugares”; “o que é ser criança para estas crianças” ou segundo o Aries (1981) “o sentimento da infância”. Questões que necessitam ser inseridas para entender cada visão da sociedade sobre a criança, pois segundo ela a concepção é diversa a respeito, no campo de pesquisa, para construir uma teoria a partir disso, elaborando conhecimento e aprimorando as teorias sociais desse estudo. Assim se pode entender de vários ângulos o modo como se pensa, como se considera, como se tratam e como se constrói uma imagem sobre a criança. A partir da análise dos etnólogos pode se construir “(...) a noção de pessoa, e a fabricação dos corpos, o idioma da corporalidade, são cruciais para entender os mundos indígenas e suas sociabilidades (COHN, 2000c, 2013, 2002b)”.

O eventual processo de conhecimento se faz a partir da análise sobre a relação entre a criança e a família. Os indígenas antes dos colonizadores chegarem no atual Sul de Mato Grosso do Sul, aprendizagem da criança se dá na relação com os adultos, por exemplos,

quando os pais iam pescar sempre a levavam, quando iam a roça, etc, nas brincadeiras cotidianas., por isso para a sociedade ocidental branca, é uma sociedade muito diferente tanto no espaço, na educação, religiosamente, quanto no tempo.

Para a sociedade indígena, sempre baseada em sua tradição, ou pelo que os antropólogos ressaltam, a escola foi crucial para que se fragmentem as concepções próprias dos Kaiowá e Guarani, a partir da imposição do modelo europeu, principalmente na missão jesuítica, onde uma das primeiras instituições a atuarem nas aldeias Kaiowá e Guarani é a Missão Evangélica. Funcionava como escola e orfanato. Atualmente, em algumas reservas, essa instituição religiosa ainda funciona como escola, conta com vários professores não indígenas. Seguindo adiante, a antropologia da criança requer uma construção, um reconhecimento ao campo científico, mais acentuado na transformação da sociedade em via de criação e produção da imagem social, consolidando-a como sujeito que interfere e contribui na mudança social. Desse modo, “são cruciais para entender o que as crianças fazem, dizem e pensam, e o que se faz com elas, se pensa delas, se diz sobre elas” (COHN, 2013, p. 221-244).

Cohn, em sua pesquisa, ressalta que ser criança para a etnia Xikrin está

ligado a concepção de sentido e percepção, envolvendo a corporalidade em sua ação, “o modo como se tratam olhos e ouvidos para aprender a ver, ouvir e aprender, a ornamentação corporal, a alimentação, os remédios; a mobilidade, a circulação, o movimento destes pequenos corpos” (COHN, 2013). Diante disso o meio contribui para a construção social da criança, em relação ao costume e hábito, envolvendo também a moralidade e a ética, tudo isso se constitui a partir da relação dela com o ambiente de vida que se constitui em sua sociedade. Outra importante análise a ser feita na pesquisa dela é a respeito da tarefa de mediação por parte da criança na etnia Maxakali, onde a principal mediadora da conversa é ela, assim também, segundo (ALVARES, 2004) na etiqueta do Maxakali, o visitante ao dirigir-se a família, primeiro acaricia, agrada e carregar a criança, principalmente bebês, somente depois se dirige a palavra e o olhar para os anfitriões. A criança também para a etnia é o motor da vida ritual, sem ela o ritual não se realiza, pois elas são os suportes para a manifestação de espírito, assim são essenciais para que se realizem a comunicação dos vivos com os espíritos. Como há diversas percepções sobre criança em cada sociedade indígena, segundo ela não se pode pressupor uma concepção universal, como também não se pode valer em uma concepção específica de certa

sociedade, mas que válida e compreensiva para que o conhecimento seja construído em torno de campo que precisa ser explorado com mais radical e rigoroso.

A infância também pode ser concebida como uma categoria geracional na medida em que ela constrói e estabelece um novo modo ou padrão da sociedade.

A tradição mais forte da análise do conceito de “geração” radica na obra de Karl Mannheim (1993[1928]). Para o sociólogo húngaro, o conceito de “geração” entronca na sociologia do conhecimento que se propôs a levar a cabo e corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural: a geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. A ação de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potenciadoras de mudança social. A mudança social é interpretada por Mannheim fundamentalmente como “evolução intelectual” da sociedade (SARMENTO, 2005, p. 361-378).

Nessa perspectiva, a geração é fundamental para a transformação do pensamento social dos Kaiowá e Guarani, principalmente em relação à concepção sobre a criança.

Outro aspecto importante para se notar a sociedade Kaiowá e Guarani é como são vistas as crianças que vivem sem família ou vive com seus padrastos e madrastas, as

crianças denominadas “*Guachos*”, se for adotado pela outra família, vai se romper o processo da educação oferecido pela família da qual se deu o seu nascimento, mesmo que a outra adotasse ela, desde o bebê, o tratamento será sempre diferente, pois a visão e a consideração sobre ela é diferente. Um estudo aprofundado levaria a se entender o pensar dos Kaiowá e Guarani, para com o caso dessas crianças que vivem sem família, por serem abandonados ou pela morte de seus pais, e entender o porquê tratam de forma específica e diferenciada, principalmente em relação à redução de liberdade e o aumento de obrigação dentro de casa comparada às outras crianças da família.

Atualmente, a instituição escolar, tem uma contribuição enorme para que se construa uma imagem que forma uma concepção diferenciada sobre a criança, pois a Constituição Federal Brasileira de 1988, em papel, pela luta dos movimentos Indígenas e Indigenistas, reconheceu a diversidade da cultura indígena, e fez com que garantisse a autonomia do projeto da Educação Escolar Indígena, que antes não ocorria, molda-se então o paradigma dos Kaiowá e Guarani, principalmente com a construção de uma luta constante por seus direitos na Constituição de 1988, assim na reserva indígena Te'yikue, foi criada a Escola Municipal Polo Indígena Ñandejara, uma conquista histórica dos Guarani-

Kaiowá (BENITES, 2014), primeira escola a ser desvinculada da Religião que até então, catequizava a comunidade indígena. Um novo paradigma formado a partir disso, a concepção sobre a criança molda-se também, os tratos, a visão e a maneira de concebê-la reconstitui-se em novo pano na sociedade Guarani-Kaiowá. A escola considerada uma instituição que afasta a criança da sociedade Aries (1981), distancia cada vez mais a criança Kaiowá e Guarani da sua família, assim ela passa mais tempo fazendo a tarefa escolar do que ficar ouvindo seus pais no processo de educação familiar. Consequentemente os pais necessitam alterar o modo como ensinam os filhos, pois a partir disso se vê outro ser (criança) formada pela escola e logo se constrói uma nova concepção ao longo desse processo.

A maneira como as crianças agem na sociedade, na família e na escola, define como são vistos e considerados pelas demais pessoas, desse resultado forma-se padrão normal e anormal estabelecido pela própria sociedade (COHN), cabe à escola formar para viver na sociedade, porém a sociedade indígena é diferente, a escola em maior parte ensina conhecimentos ocidentais e segundo o RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – a educação é intercultural que oferece uma educação específica, diferenciada e de qualidade.

Apesar de ser muito problemático colocar em prática, a escola tem o objetivo de descolonizar os conhecimentos impostos pelos colonialistas, para que se considerem os demais conhecimentos, pode-se dizer que a paradigma da sociedade Guarani-Kaiowá foi constituído no processo da tentativa de imposição do modelo europeu, e no momento está em andamento o processo de reconstrução do paradigma dos Guarani-Kaiowá, e com isso um novo olhar da sociedade Guarani-Kaiowá sobre a sua geração ou a sua criança. Entretanto a escola em si já é ocidental, as estruturas, o sistema de ensino e também a formação dos professores, pois poucos professores na realidade, conforme a pesquisa problematiza, consegue driblar a ótica colonial.

Considerações finais: criança Kaiowá e Guarani

Criança que na língua “guarani” denomina-se “*mitã*” convive em um espaço social bem complexo atualmente, refiro-me à criança Kaiowá e Guarani, com os adultos e em diferentes espaços se socializa (PEREIRA, 2008), deve-se levar em conta também que ao longo processo histórico o espaço se modifica e se transforma na medida em que foram feitas as remoções de vários grupos étnicos de sua comunidade de origem, havendo alteração de espaço com a

aglomeração da população na Aldeia, escassez de recursos naturais e a necessidade de buscar ações externas.

O grupo familiar Kaiowá e Guarani que Pereira (2008) denomina de Fogo Doméstico, onde é constituído fundamentalmente por pai, mãe e filhos, e esse fogo é articulado pela mulher, os avôs e avós são parte integrante que também constitui o fogo doméstico. Assim, a criança Kaiowá e Guarani constrói a sua relação social aquecida pela sua família, recebendo cuidado e atenção de todos os membros da família, a criança é de responsabilidade de todos. O espaço é constituído pelo “oga” – casa – onde reside a família, o “*oká*” – pátio – onde a família e a criança circulam, e sempre há árvores em volta da casa, pois é uma estratégia dos Kaiowá e Guarani em manter seguro o *oga* das tempestades e dos ventos fortes. Anteriormente segundo o relato dos mais idosos a família Kaiowá e Guarani formavam um grande grupo e construía uma grande *oga pysy* – casa gigantesca – onde residiam os *tey’i* – parentela – (CARVALHO, 2010), que atualmente estão desestruturadas que comovem drasticamente a sociedade dos awas – homem. Segundo o Carvalho (2010) a casa era tão grande que tinha até espaço para a realização da dança reza e outras atividades.

As transformações drásticas que ocorreu na sociedade Kaiowá e Guarani

como, por exemplo, o “*oga pysy*” casa onde reside o fogo familiar da criança atualmente não se constrói mais em algumas partes da Aldeia Kaiowá e Guaraní (BENITES, 2009 *apud* CARIAGA, 2012), muitos dos moradores constroem casa materiais substituindo a casa “tradicional”, e nesse sentido o fogo familiar se fragmenta ainda mais.

Para se ter uma ideia o *mitã* Kaiowá e Guaraní tem espaço mais amplo que os *mitã mbairy* – criança não indígena – pois elas adquirem a autonomia de poder circular, desde um ano, dentro de oga, no oká da casa e sempre acompanhada de sua irmã, para que possa estar bem cuidada, sem poder se aproximar dos perigos, aliás, ela é carregada por mãe ou por sua irmã.

Uma mulher, tem sua família em Te’yikue e que se casou e mudou para reserva indígena de Dourados – Dourados/MS, diz que depois que quando nasceu seu filho ela teve que pedir conselho para a sua mãe a fim de cuidar bem do bebê, acrescenta que o espaço que o kaiowá oferece para o *mitã* é mais amplo que os não indígenas, principalmente quando frequentam o *oka* da sua casa, no passeio da mãe ou qualquer outro membro da família (geralmente feminina) na casa dos parentes ou vizinhos.

Para essa mulher é essencial a criança ter contato com o chão (principalmente a terra), pois é ela na qual a

criança vai viver o resto da vida, por isso é primordial fazer com que a criança sinta o chão, e principalmente o *oka*.

Segundo os Ñanderu, *mitã* vem de um dos planos, situados nos patamares que Pereira classifica em três: *Pa’i rei*, *Yvy* e *Yvaga*. *Yvy* é onde o humano habita, a terra, o *Pa’i rei* é onde os não humanos noturnos habitam, onde um *Jara Noturno* cuida e administra o lugar, o *Yvaga* é o patamar superior à *Yvy*, onde contempla vários planos.

Todos esses patamares que vem as crianças Kaiowá, e durante o seu batismo, os Ñande Ru faz uma reza, viaja a partir da reza em vários planos para saber de qual lugar veio a criança. Sabendo de qual plano a criança vem, o Ñande Ru batiza pelo nome referente ao lugar de origem da criança. Podemos dizer de um olhar Kaiowá, a criança provém dos planos da qual o não humano habita, do lugar onde os Jaras e o não Humano habitam.

Na formação dos grupos entre as crianças, geralmente, coordenado pelo maior que está no grupo, elas seguem essa criança maior (CARIAGA, 2012), e ela (a maior) é que decide e age para a formação do grupo.

Referências

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- AZEVEDO, Nair Correia Salgado de.; BETTI, Mauro. Pesquisa etnográfica com crianças: caminhos teórico-metodológicos. **Nuances**, 2014, p. 291-310.
- BATISTA, Enoque. Fazendo pesquisa com meu povo. **Tellus**, n. 10, p. 139-142, 2014.
- BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Lisboa: Livro do Brasil, 1934.
- BENITES, Tonico. **A escola indígena na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Conselho Nacional de Saúde, Brasil. Ministério da Saúde (MS). Conselho Nacional de Saúde. “Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012”. **Diário Oficial da União** (2013).
- BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas**. Tese de doutorado em Educação. Florianópolis, SC, 2012. 312.
- CARIAGA, Diógenes E. **As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'yikue (1950-2010)**. Dissertação de mestrado em História (História Indígena), PPGH/UFGD, 2012.
- CARVALHO, Junior Moreira. **Organização familiar antiga e atual do Kaiowá da reserva Amambai**. 2010. Disponível no link: <http://www.neppi.org/anais/identidade%20e%20organiza%20o%20social%20indigena/ORGANIZAA~+O%20FAMILIAR%20ANTIGA%20E%20ATUAL%20DO%20KAIOW-.pdf> - acesso em 13/05/2022.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, Território e Territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, ASSIS 2013.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.
- COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 2, p. 221-244, 2014.
- COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. **Perspectiva**, v. 23, n. 2, p. 485-515, 2005.
- CRESPE, Aline Castilho. **Mobilidade e Temporalidade Kaiowá. Do tekoha à**

- reserva, do tekoharã ao tekoha.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2015.
- DELALANDE, Julie. Culture enfantine et règles de vie. **Terrain** 40, Paris, p. 99-114, 2003.
- FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, vol. 20, n. 41, abril 2014, pp. 103-123.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- HIRSCHFELD, Lawrence. Pourquoi Lêsanthropologues n' aiment-ils pas lês enfants? **Terrain** 40, Paris, p.21-48, 2003
- JARDIM, Cláudia Santos. **Brincar: um campo de subjetivação.** Annablume, 2002.
- KLUCKHOHN, Clyde. Some aspects of Navaho infancy and early childhood. **Psychoanalysis and the Social Sciences.** Vol. I, p.37-86, 1947.
- KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14398.pdf>
- KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. **Revista Teias**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 14 pgs., ago. 2007. ISSN 1982-0305.
- KRAMER, Sonia; HORTA, José Silvério Baia. A ideia de infância na pedagogia contemporânea. **Em Aberto**, Brasília, v. 1, n. 4, p. 26-35, 1982.
- MEAD, Margaret. **Coming of age in Samoa.** 1928
- NOVOA, Patrícia Correia Rodrigues. O que muda na ética em pesquisa no Brasil: Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. **Einstein (São Paulo)**, 12.1 (2014): 14-34.
- PEREIRA, Levi M. A criança Kaiowá, o fogo doméstico e o mundo dos parentes: espaços de sociabilidade infantil. **Encontro anual da Anpocs**, v. 32. 2008
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.